XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017
3 - 8 Diciembre / Montevideo
Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

SOCIOLOGIA-CRÍTICA A PARTIR DAS MARGENS[1]

Maria Caroline Marmerolli Tresoldi
carolinetresoldi@gmail.com
Universidade Estadual de Campinas
Brasil

[1] As reflexões aqui reunidas compõem parte de um trabalho mais amplo, desenvolvido no mestrado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas. A pesquisa, "Olhares periféricos: crítica e sociologia no ensaísmo de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo", conta com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Resumo

Nesse trabalho, procuro apresentar os momentos decisivos das trajetórias intelectuais e das obras de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo, nomes que se destacam no cenário da crítica literária e cultural contemporânea. A escolha de colocar lado a lado Schwarz e Sarlo, que desenvolveram ao longo das últimas décadas o papel de intelectuais críticos no espaço público, deve-se ao fato de que (i) ambos transitam entre a crítica literária e a sociologia e (ii) estudaram sistematicamente as obras de dois "mestres na periferia do capitalismo": Machado de Assis (no caso de Schwarz) e Jorge Luis Borges (no caso de Sarlo). Combinando analiticamente literatura e sociedade, estética e política, os críticos recuperam os romances de Machado de Assis escritos no final do século XIX no Brasil e os contos de Jorge Luis Borges redigidos no início do século XX na Argentina, para problematizarem os impasses e as ambivalências entre as formas importadas da experiência europeia e suas respectivas empirias locais. Como consequência, refletem sobre os desafios teóricos e dilemas empíricos criados pela modernidade e pelo capitalismo periférico. Assim como Machado e Borges não reduzem local e universal a essências singulares, sugere-se que Schwarz e Sarlo pensam e problematizam teoricamente o moderno e a periferia. Nesse sentido, a hipótese a ser desenvolvida é que a ideia de "periferia", na obra dos críticos, não está restrita a um espaço social. Essa ideia se configura também como um desafio metodológico que concorre ativamente para a qualificar o moderno a partir de outro ponto de vista. Pensando a periferia nesses termos, o desdobramento dessa hipótese nos leva a questionar se os trabalhos de Schwarz e de Sarlo não podem contribuir para o alargamento da teoria social crítica a partir e pelas margens da cultura ocidental.

Palavras-chave: Roberto Schwarz; Beatriz Sarlo; Periferias.

Abstract

This paper aims to show the decisive moments of the intellectual trajectories and works of Roberto Schwarz and Beatriz Sarlo, important names from the current scene of the literary criticism and contemporary culture. The chose to put side by side Schwarz and Sarlo, that developed along the last decades the role of critical intellectual in the public space, was because (i) both transit between literary criticism and sociology, and (ii) they studied systematically the works of two "masters in the peripheral capitalist": Machado de Assis (in the case of Schwarz), and Jorge Luis Borges (in the case of Sarlo). Combining analytically literature and society, aesthetics and politics, they retook the novels of Machado de Assis, written in last quarter of nineteen century, and the stories of Jorge Luis Borges, written in the first half of twenty century, to render the dilemmas and ambivalences between the imported forms from European experience and the local experience (Latin America). Thus, they thought about theoretical challenges, and empirical dilemmas generated by modernity and by peripheral capitalism. As Machado and Borges did not reduce local and universal to singular essences, the paper suggests that Schwarz and Sarlo think and render theoretically the modern and periphery. In this sense, the hypotheses that has to be developed is that the idea of "periphery", in the work of both critics, is not confined only to social space. This idea is also configured as methodological challenge that actively compete to qualify the modern from other point of view. Thinking the periphery in those terms, the unfolding of this hypothesis will carry us to the widening of the critical social theory from and by the periphery of Western culture.

Keywords: Roberto Schwarz; Beatriz Sarlo; Peripheries.

Introdução

Procurando elaborar uma análise histórica do presente, tensionando com questões do nosso tempo os nexos de sentido entre processo social, vida intelectual e "condição periférica", os nomes do brasileiro Roberto Schwarz e da argentina Beatriz Sarlo se destacam na cena da crítica literária e cultural contemporânea.

Em um exercício de comparação, ao acompanhar suas trajetórias intelectuais e suas principais obras é possível perceber diferenças e semelhanças entre elas. Chama atenção, por exemplo, que os críticos têm caminhos teóricos e intelectuais cruzados entre as ciências sociais e os estudos literários. Uma breve reconstrução do itinerário intelectual de Schwarz e de Sarlo indica o percurso quase inverso que trilharam: enquanto o crítico brasileiro teve uma formação universitária em ciências sociais e aos poucos passou para os estudos literários, Sarlo, graduada em Letras e com estudos inicias sobre a crítica literária argentina, aproximou-se de uma visada sociológica como curiosa e autodidata, em circuitos "alternativos" dos quais fez parte, como editoras e revistas voltadas para divulgação do pensamento social e da crítica literária e cultural.

Suspensas por ora as diferenças entre os críticos (de trajetórias acadêmicas, filiações teóricas, contextos políticos e intelectuais etc.), interessa argumentar que o conjunto dos ensaios de Schwarz e Sarlo possuem um certo "encontro": vinculados a importantes linhagens intelectuais de seus países (e para além deles), apresentam o esforço de construir um *"espaço novo"* para a *crítica social*, interessada em intervir no debate público sobre os sentidos que o "moderno" assume em sociedades qualificadas como "periféricas", impondo um quadro de impasses e ambivalências que se faz sentir no conjunto da vida social.

Para acompanhar seus principais argumentos, recorte-se momentos decisivos de suas obras, nas quais se dedicaram ao estudo de dois escritores fundamentais da literatura de seus respectivos países: Machado de Assis, no caso do crítico brasileiro, e Jorge Luis Borges, no caso da crítica argentina. É a partir e por meio desses escritores que os críticos tecem interpretações sobre seus países, cujo alcance é retomar temas caros a chamada "Teoria da Dependência" no âmbito das ideias e da cultura pensada em termos mais amplos.

Dois escritores e dois críticos nas periferias do capitalismo

Embora Machado de Assis e Jorge Luis Borges sejam autores incontornáveis para compreender a literatura de seus respectivos países, eles ocupam posições diferenciadas, já que Machado é considerado quase uma unanimidade no cânon brasileiro, enquanto Borges desperta "amor e ódio", "denúncia e fascínio" em seu país (cf. Sarlo, 2005). De certo modo, Schwarz e Sarlo se inserem nos debates e nas polêmicas suscitadas por diferentes leituras sobre os escritores - sejam leituras nacionais ou estrangeiras. Além disso, chama atenção que a ideia de "periferia" aparece no título dos principais trabalhos dos críticos sobre os escritores: *Um mestre na periferia do capitalismo,* é publicado em 1990 por Roberto Schwarz como continuidade de *Ao vencedor as batatas*, de 1977; e *Jorge Luis Borges: um escritor na periferia,* é publicado por Sarlo em 1993, a partir de questões já colocadas em *Modernidade Periférica*, de 1988. Mais do que um termo no título de seus livros, sugere-se que a ideia "periferia" é um fio condutor a partir do qual os críticos investigam seus objetos de estudo. Senão, vejamos.

Nas obras complementares *Ao vencedor as batatas* e *Um mestre na periferia do capitalismo*, Roberto Schwarz parte da impressão de que a ironia ou o humor de Machado seriam "brasileiros", o que, em sua percepção, não era uma visão corrente nas leituras feitas sobre os romances machadianos, já que ele era considerado "o maior", mas "o menos brasileiro" dos escritores. Com essa impressão, no primeiro livro é analisado o início do romance brasileiro nas obras de José de Alencar e da primeira fase de Machado, e no segundo, demostra-se como a forma machadiana se alterou em uma segunda fase e o romancista se tornou um "mestre na periferia do capitalismo", construindo uma obra que permite uma profunda visão do Brasil oitocentista.

Os ensaios do crítico, contudo, não tratam apenas da "força" dos romances machadianos. São, também, interpretações a partir e por meio da obra de Machado de Assis do século XIX, com ecos ainda na contemporaneidade. Isso porque, com a finalidade de introduzir o estudo do início dos romances brasileiros, Schwarz problematiza o que é a "matéria local", ou seja, os impasses e os dilemas enfrentados pela sociabilidade brasileira após o processo de Independência (1822), que produziam uma sensação de aparente contradição da modernidade que tomava forma no país. Nessa sociabilidade, no argumento do crítico, combinavam-se as lógicas do ideário liberal europeu, com

uma sociedade composta por escravos e por homens livres pobres que dependiam do favor da classe proprietária. Uma matéria local que se apresentava como "comédia ideológica", à medida que integrava os brasileiros à "ordem moderna" por uma via de acesso marcada pelo escravagismo, pela exclusão, e tendo nas relações de favor a "mediação quase universal" (2012a, p.16).[2]

É justamente essa matéria social que, segundo o crítico, Machado soube ordenar em sua "reviravolta", que tem início com o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880). Nesse livro, segundo Schwarz 2012d, o escritor brasileiro capta e dramatiza o movimento contraditório que conduz a estrutura do país na forma de um narrador volúvel – que põe o figurino do gentleman moderno, tira-o e volta a colocá-lo –, adotando uma posição "insustentável" de dominação de classe no país, ao mesmo tempo de "aceitação comum". Trata-se de "*narrador voluntariamente inoportuno e sem credibilidade*", que busca chamar a atenção de todas as formas, com artifícios, provocações que se sucedem, tomando a graça como afronta – da qual a ideia de "defunto autor" é exemplar. Sendo cínico e irônico em alguns casos, indiscreto ou charlatão em outros, o narrador parece um camaleão que muda de assunto, de opinião e de estilo em cada frase.

A desfaçatez e volubilidade do narrador, ao combinar formas arcaicas e modernas, desigualdades e privilégios, demonstram, para Schwarz, que a ligação do Brasil com o "mundo moderno" se dava de maneira pouco civilizada, "*aparentemente atrasada*", mas com um atraso ancorado em ideias, ornamentos e instituições modernas, "o que naturalmente mostrava o progresso por um flanco inesperado". Isso porque, sem querer abrir mão do "Ocidente progressista e culto" (isto é, da norma), as elites brasileiras tampouco queriam abrir mão "da prática do favor e do trabalho escravo" (isto é, da infração), compondo um "quadro de ambivalências" que se faz sentir em todas as esferas da vida social. Desse modo, na leitura do crítico, o procedimento de vai e vem entre "a norma e a infração" revela não apenas uma regra de composição narrativa, mas também uma "estilização da conduta da classe dominante brasileira". Figurando esse quadro de ambivalências, misturando a estrutura romanesca com inspiração em diversos procedimentos – como a forma biográfica, a forma do romance romântico, o naturalismo etc. –, Machado produz, no argumento de Schwarz, sua originalidade: *crítica, complexa, dialética e negativa.*

[2] Nesse sentido, as ideias europeias pareciam estar "fora do lugar". Essa expressão irônica de Schwarz procura assinalar que as ideias liberais caiam em descrédito, já que no contexto brasileiro não modificaram nada, ao passo que na Europa, "no mundo moderno", foram responsáveis pelo "progresso humano" e pela conquista do trabalho livre, da liberdade de expressão e da igualdade perante a lei.

Publicados em 1977 e 1990, durante a ditadura-militar e os anos que seguem o processo de transição democrática no Brasil, os livros do crítico não são uma interpretação apenas da obra machadiana e do Brasil oitocentista. São, também, reflexões sobre o presente (e o futuro) da sociedade brasileira, uma vez que extrapola o plano da formação nacional e leva a questionar os sentidos do "capitalismo periférico" no país, e igualmente os efeitos e as consequências da "modernização conservadora" durante o regime militar e o processo de transição democrática – processo que até hoje parece não ter se encerrado. Se na formação nacional a "modernidade" ganhou contornos inesperados, de modo que a ligação do Brasil como o "mundo moderno" se faz mediante o atraso social; e no plano das relações sociais marcada pelo favor como "mediação universal", a modernização conservadora pela qual o Brasil passou nas últimas décadas do século XX, também contém a lógica "da norma e da infração" figurados por Machado.

Essas lógicas representam as "ambivalências ideológicas das elites" e das instituições brasileiras, que continuam combinando arcaico e moderno, desigualdades e privilégios, repondo o passado no presente. Assim, se Machado construiu, como sugere o crítico, uma das interpretações mais instigantes de seu tempo e para além dele, Schwarz também tece uma incontornável interpretação do país, ressaltando a "condição periférica", isto é, os impasses, tensões e ambivalências entre formas e ideias importadas de outras empirias e a matéria local, cujas consequências são as dificuldades dos processos de formação nacional, de integração social, de construção da cidadania por meio da efetiva democratização dos direitos sociais etc.

Nas interpretações tecidas por Beatriz Sarlo sobre a obra de Jorge Luis Borges, por seu turno, há uma similaridade com a impressão que Schwarz tinha dos leitores de Machado de Assis, uma vez que Borges era considerado um "cosmopolita" desinteressado por seu país, isto é, um escritor que nada teria a ver com a vida nacional e com a tradição literária argentina. Partindo dessa impressão, equacionada na questão: "é possível que um escritor seja ao mesmo tempo nacional e cosmopolita?", Sarlo procura construir "uma paisagem para Borges", que considere tanto os diálogos que ele estabelece com a literatura de seu país quanto com a literatura europeia.

As primeiras leituras mais sistematizadas de Borges aparecem no livro *Modernidade Periférica*, em que o escritor lança pistas para a crítica compreender de modo mais complexo e nuançado as múltiplas experiências modernas vividas pela sociedade argentina no início do século XX. O livro retrata a modernidade europeia e a diferença rio-platense, os tradicionalismos e os espíritos

renovadores, o *criollismo* e as vanguardas, isto é, acompanha a modernização acentuada e acelerada de Buenos Aires entre os anos de 1920 e 1930, bem como as formas pelas quais o Modernismo se manifestou. Nesse contexto, ao voltar de uma temporada na Europa, o jovem Borges se intriga como o progresso vertiginoso e com a decadência de bairros tradicionais de Buenos Aires, e procura formalizar aquelas experiências em seus contos e ensaios.

A nova cidade que Borges encontra, segundo Sarlo, era "moderna", com certo padrão de racionalização, sem grandes monumentos, construída às margens de um rio "nem belo nem pitoresco". Na leitura da crítica, essa cidade, que muitos viajantes consideram monótona, é um acontecimento para Borges, e ele procura observar as "ausências" e os "fantasmas" da cidade que conheceu em sua infância. Por isso, em seus contos, o escritor constrói um olhar para as "*orillas*", isto é, para as "margens" entre a cidade moderna – inspirada em ornamentos e ideias da modernidade europeia – e a planície dos pampas (Sarlo, 2010).

Observando tanto aspectos estéticos presentes nas literaturas produzidas nas primeiras décadas do século XX, quanto a dinâmica da vida intelectual apresentada em revistas de grande circulação nas cidades, Sarlo indica que a modernidade que toma forma em Buenos Aires está livre dos "constrangimentos nacionais", o que, em alguma medida, guarda um aspecto positivo. Ocorre, no entanto, que essa modernidade é marcada por uma insensibilidade com a problemática local, funcionando como um "universalismo vazio". Nessa linha, o conceito de "modernidade periférica" arma o problema de compreender o modo como arcaico e moderno, campo e cidade, nacional e estrangeiro, imbricam-se nos processos de modernização pelos quais a Argentina passou no início do século XX.

As "periferias" analisadas por Sarlo, a real e as simbólicas, permitem construir o argumento de que esses processos de modernização misturavam intensa urbanização – com projetos urbanos de diferentes países europeus e das cidades de Chicago e Nova York –, alfabetização, crescimento da mídia impressa etc., com contradições de fundo, indicando uma aparente "inadequação das ideias importadas". Dentre as principais contradições, segundo Sarlo, o Estado e as instituições se deslocam na "direção das margens do crime" ou "socialmente para cima", na direção do "mundo dos senhores", que continuam praticando o duelo como "privilégio cultural de classe".

Em outras palavras, a cidade de Buenos Aires, uma grande capital da "periferia" de um capitalismo em expansão, compõe-se de fragmentos copiados da realidade europeia ou norte-americana,

nos quais as formas e ideias foram aclimatadas "à força" em um ambiente político, cultural e social distinto do qual foram pensadas. A consequência desse processo de modernização acentuado é a formação dessa "cultura de mesclas", tema que repercute na literatura local de diferentes modos, e é amplamente abordado no interior do argumento borgeano, que apresenta resoluções formais para os dilemas que se apresentam em torno do local e do universal, posicionando-se com "astúcia, nas margens, nas dobras, nas zonas obscuras das histórias centrais" (Sarlo, 2010, p.92).

Não por acaso, a biografia de Borges, segundo Sarlo (2008), é plasmada pelas perguntas: "o que fazer com o fato de ser argentino?", "como é possível escrever literatura em uma nação jovem, sem fortes tradições próprias?". Essas questões, que alimentam os primeiros escritos, contos e ensaios do autor, entre os anos de 1920 e 1930, fazem-se presentes na ficção de Borges até seus últimos livros, nos anos de 1970, e dão "tom nacional" a sua literatura. As marcas do passado argentino, de acordo com a crítica, não desaparecem jamais da obra de Borges. Em sua literatura, são articulados fragmentos dispersos de uma incipiente tradição literária de seu país, e Borges reconstrói o antigo, recria-o e reelabora-o com as leituras estrangeiras. Ou seja, sua obra não se instala nem no *criollismo* vanguardista de seus primeiros livros, tampouco na erudição heteróclita de seus contos, falsos contos, ensaios e falsos ensaios. Ao contrário, para Sarlo, nos escritos de Borges se encontra a "consciência de mescla" e a nostalgia de uma literatura (europeia) que um argentino e latino-americano nunca vive de todo como "natureza original".

Instalados nos limites, nas "margens" entre a cultura de uma "nação periférica" e a cultura ocidental, entre diferentes gêneros literários, entre diferentes línguas, e se sentido estrangeiro em todos os espaços, Borges é, na leitura de Sarlo, o escritor das "*orillas*". Se as "*orillas*" representam um espaço geográfico entre as planícies e as primeiras casas de Buenos Aires em 1900, ou seja, entre campo e cidade; não deixam de ser também um espaço social, político e cultural ocupado por uma nação nova e "periférica", na qual vão se imprimindo marcas de distância – mas também de imitação – da cultura europeia. Ou seja, um espaço permeado por tensões ideológicas, históricas e estéticas.

Do mesmo modo que as "*orillas"* são importantes para as formalizações estéticas operadas por Borges, às margens / a periferia assume uma função heurística na obra de Beatriz Sarlo, aparecendo como tema e como problema: não se referem apenas a um lugar geográfico, as "zonas obscuras" configuram também um *modo* de olhar para a heterogeneidade que constitui a experiência his-

tórica. Ou seja, se a originalidade de Borges, para Sarlo, é justamente fazer das "*orillas*" uma estética, a crítica faz da "periferia" e das "margens" um método, explorando os diferentes sentidos assumidos pela modernidade em seu país.[3]

Escritos entre o final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, após as duras experiências dos regimes militares argentinos, a crítica procura não apenas desenhar uma paisagem para um dos grandes escritores argentinos, como é o caso de Borges, mas também problematizar os sentidos que o moderno assumiu na sociedade argentina em movimento. Naquele momento, tratava-se de prescutar como construir um futuro marcado pela presença tão forte da memória pós-ditatorial? Seria possível um caminho próprio, que não "imitado" de outras experiências?

***

Ao acompanhar os argumentos de Schwarz e de Sarlo, nota-se que Machado e Borges refletem, cada um à sua maneira, sobre os dilemas e as tensões entre as ideias e formas europeias e a empiria local, de modo que suas obras se tornam materiais para compreender as respectivas sociedades *periféricas*, em que arcaico e moderno se interpenetram e formam o capitalismo e a modernidade às margens da experiência europeia ocidental. A possibilidade de interpretar o país a partir de suas obras se deve ao fato de que esses escritores, ao lerem a tradição literária anterior de seus países, cuja característica principal era figurar "a cor local", procuraram superar as armadilhas criadas por tais tradições, reivindicando a "universalidade das matérias", sem, entretanto, deixar de olhar para seu tempo histórico e seu país.

Em linhas gerais, nas interpretações tecidas pelos críticos, os dilemas e tensões entre local e universal, o "centro" e as "periferias", são explorados a partir da leitura de Machado e de Borges, sendo que o primeiro localiza suas obras no final do século XIX no Brasil, na passagem do Império à República, da escravidão ao trabalho livre; enquanto o segundo escreve em meados do século XX na Argentina, olhando para um processo de rápida modernização e urbanização das cidades. Tratam-se de contextos periféricos vistos *em diferentes tempos*, mas o que interessa notar, para fins de

[3] É possível perceber uma duplicidade sobre a problemática da "periferia" nos escritos de Sarlo recuperados (que não aparece nos textos de Schwarz): jogando com o tema da composição da população argentina e da modernização das cidades, Sarlo sinaliza as "margens"/ "as *orillas*", como tema central a ser enfrentado na formação nacional de seu país. Não obstante, a periferia aparece também como problema teórico para diferenciar a modernidade europeia daquela que toma forma no Río de la Plata. Schwarz, por outro lado, pensa a periferia do capitalismo, como uma estrutura que compreende contraditórios como capitalismo, escravidão e relações de clientela e proteção. Assim, se a questão do localismo e do cosmopolitismo é presente na obra dos dois críticos, os equacionamentos ocorrem de maneiras diferentes.

comparação, é que Schwarz e Sarlo tomam o capitalismo e a modernidade, respectivamente, como processo social, como um movimento geral e global, e procuram acompanhar as tensões, oscilações e ambivalências desse movimento, que nas "periferias" produzem diferentes efeitos e sentidos no conjunto da vida social - não apenas no passado, mas no presente (e no futuro?).

Chama atenção que os debates de Schwarz estão inseridos na tentativa de compreender o processo de reprodução estrutural do sistema capitalista, no qual a ideia de "atraso" é circunscrita aos avanços da sociedade do capital, de modo que o desenvolvimento do país (mas também de outras ex-colônias) só pode ser marcado pela "modernização do atraso", o que configura, tomando o *todo*, um "desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo". Sarlo, por sua vez, procura acompanhar o modo com as ideias, as formas e os ornamentos europeus vão sendo aclimatados no cenário rio-platense, observa a construção de uma "cultura de mesclas". Em outras palavras, se, no caso analisado pelo crítico brasileiro, é preciso compreender o que ocorre com as ideias liberais quando somadas à escravidão e às relações paternalistas, no caso estudado pela crítica argentina, isso implica principalmente compreender como as grandes cidades incorporaram centenas de imigrantes europeus e lidam com o passado "*criollo"*, criando um cenário de metamorfoses, cuja principal característica é a cópia, a imitação, a bricolagem – sem que necessariamente da cultura periférica não se produzam soluções originais, - pelo contrário. Em ambos os casos, trata-se de pensar o modo como as formas e ideias europeias se imbricam dentro de marcos culturais e sociais distintos, compondo um quadro de perversas e violentas contradições e ambivalências – as quais permitem compreender não apenas a sociedade periférica, mas também as que emprestam os modelos.

Para complexificar a interpretação dos críticos, cabe retomar o argumento de que, quando Machado e Borges se tornam parte dos cânones da literatura mundial, a reputação de ambos é estabelecida pela "qualidade estética" de suas obras, desconsiderando o chão histórico no qual foram pensadas. Segundo Schwarz, a "universalização" de certos autores faz com que eles apareçam como uma superioridade que foge à regra, e o sucesso vem "de mãos dadas com o desaparecimento da particularidade histórica", de modo que "o autor entra para o cânon, mas não o seu país, que continua no limbo" (Schwarz, 2012b, p.22). No argumento de Sarlo, a reputação mundial de Borges, "o purgou-o de nacionalidade", desconsiderando os autores e os contextos com os quais dialogou e com os quais promoveu suas rupturas literárias.

O problema da "universalização" dos autores, a partir dos pontos de vista traçados de modo tímido por Sarlo e radicalizado na leitura de Schwarz, demostram que as questões e as dinâmicas que envolvem a consagração de obras e autores, não se prendem apenas a indagações estéticas e disputas no terreno do método de análise da literatura. Ao contrário, a consagração também faz parte de jogos de poder em que se constroem as interpretações sobre os processos históricos. Nesse sentido, para falar como Schwarz, essas questões "têm uma dimensão política na geografia do mundo contemporâneo", e uma dessas dimensões é o que o crítico brasileiro chama de "luta inconclusa" da ex-colônia por sua formação moderna, contra o subdesenvolvimento, o atraso, a marginalidade, a exclusão, a desigualdade etc. (Schwarz, 2012b).

Ora, o que se coloca em questão por essa chave analítica é a percepção de que as obras literárias também precisam ser compreendidas em seu contexto histórico, e que a crítica literária e a crítica de arte não são alheias à reflexão social, pelo contrário, são partes substantivas das interpretações. Nesse sentido, a presença de uma "cor local" nas obras de Machado e Borges, não é mera ornamentação estilística e deve ser pesquisada em suas múltiplas conexões de sentido, sob pena de rebaixamento artístico. Seguindo essa trilha, é possível sugestionar que falar em "formas universais" só faz sentido se essas formas derem conta das matérias locais, de modo a retirar tais matérias de seu confinamento histórico e mostrar a constelação social, política e cultural de problemas que elas formam. Por esse motivo, a ideia de "periferia" não é apenas uma "condição social", mas também um *desafio analítico* fundamental para problematizar e interpretar o chão histórico no qual as obras são pensadas.

Conclusão: Notas para um programa de pesquisa

Recuperando as hipóteses de leitura de Roberto Schwarz e de Beatriz Sarlo sobre a consagração de Machado de Assis e de Jorge Luis Borges como clássicos da literatura mundial, sugere-se que na interpretação tecida pelos críticos se valoriza a "periferia" ou as "margens" como um *lugar social* indispensável (embora não exclusivo ou preferencial) para compreender o movimento geral da sociedade contemporânea. Se o crítico brasileiro aposta na "viagem das ideias" e busca problematizar o descompasso entre as ideias produzidas no centro do capitalismo com a empiria do pro-

cesso social brasileiro e periférico; a crítica argentina se utiliza da ideia de "modernidade periférica" como categoria analítica que permite sinalizar as tensões e os conflitos inevitáveis entre as diferentes culturas e sociedades. Nesses termos, assim como Machado e Borges não reduzem o localismo e o universalismo a essências particulares, Schwarz e Sarlo pensam e problematizam teoricamente o moderno e a periferia, ambos articulados a partir e por meio de suas diferenças e desigualdades.

Pensando a periferia (ou "as margens") nestes termos, além de se reconhecer que o lugar de onde se fala não é neutro e que existem diferentes formas de ser periférico, há dois efeitos chaves para as ideias (e aqui se encontra a originalidade crítica dos trabalhos de Schwarz e de Sarlo). Por um lado, é possível avançar na crítica ao universal como categoria, demonstrando (uma vez mais) que o moderno não tem um conteúdo fixo e ele também "está aqui", como sugere Richard Morse (1988) ao estudar o "Novo Mundo" (latino-americano). Ou seja, a potencialidade das ideias colocadas em circulação pelos críticos concorre ativamente para *olhar o moderno (e também o periférico) a partir de outro ponto de vista*, desnaturalizando a história universal e reconhecendo a complexidade das histórias locais.

Por outro lado, ao se questionar sobre cânones interpretativos a partir das "margens", esse *outro ponto de vista* permite enfrentar a problemática do "descentramento da teoria" ou de seu "alargamento", discussão em voga nas ciências sociais contemporâneas. Sem desconsiderar o hífen que liga historicamente "periferias" e centro, trabalhos como os de Schwarz e de Sarlo permitem qualificar as assimetrias de poder que perpassam a produção e circulação do conhecimento em escala planetária. Se há novos modelos de relação econômica, política, cultural e intelectual entre os centros e as periferias no contexto da globalização, ainda é necessário perquirir as consequências dos efeitos diversos que as "ideias centrais" podem assumir em diferentes contextos. Diante disso, sugere-se que as formulações do crítico brasileiro e da crítica argentina podem oferecer ferramentas teóricas e metodológicas para interpelar o debate contemporâneo sobre a polarização do conhecimento entre países centrais e periféricos, uma vez que pensam "o moderno e o global de forma descentrada, sem reduzir a periferia a simples receptáculo do centro" (Maia, 2009, p.190).

Em linhas gerais, um dos desdobramentos possíveis dessas hipóteses é pavimentar caminhos para pensar *novos mapas* para a teoria social contemporânea, apostando na relação entre centro-periferia, local-universal (ou hoje local-global), única relação que pode trazer a dimensão do conflito social para o plano de análise sociológica.

Por fim, vale observar que ao levantar essas indagações de pesquisa e recuperar críticos que não necessariamente compõe os currículos da sociologia, propõe-se a construção de um movimento *às avessas*. Se Schwarz e Sarlo incorporam instrumentos analíticos e teóricos tomados de empréstimos da sociologia em suas notas críticas, talvez possamos fazer movimento inverso, de integrar ferramentas da crítica literária/cultural nos pontos de vistas sociológicos, de modo não apenas a *descrever e explicar* os processos sociais contemporâneos preocupados com métodos bem definidos, mas também avançar com certa ousadia em novas proposições para uma agenda de pesquisa cuja preocupação seja a produção de um pensamento crítico e normativo.

Procura-se, em outras palavras, levar a sério a proposta de uma *sociologia-crítica*, reconhecendo que a teoria social avança com proposições mais democráticas quando ela incorpora as demandas sociais e políticas das "periferias" (sejam elas reais ou simbólicas), e ressignifica criticamente os cânones ocidentais.[4] Em suma, o interesse heurístico em se trabalhar com os ensaios de Schwarz e Sarlo se justifica tanto na temática contemporânea sobre a "periferia" quanto pelo "potencial" que o ponto de vista da crítica literária e cultural pode oferecer para avançar na criação de *novos mapas teóricos* para sentir, pensar e agir na sociedade contemporânea.

Bibliografia

Maia, João Marcelo. "Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa". *Revista Brasileira de Ciências Sociais.* São Paulo, v. 24, n. 71, 2009.

Morse, Richard. *O espelho de Prospero*: cultura e ideias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Sarlo, Beatriz. *Modernidade periférica*: Buenos Aires 1920 e 1930. São Paulo: CosacNaify, 2010.

__. *Jorge Luis Borges, um escritor na periferia*. São Paulo: Iluminuras, 2008.

__. *Escritos sobre literatura argentina.* Buenos Aires: Siglo Veintiuno Argentina, 2007.

[4] Afinal, a literatura (e também as ciências sociais) avança quando desrespeita os cânones ou os incorpora de modo resignificado. E, nesse "desrespeito", o debate sobre a "periferia" ou sobre "as margens" encontra uma importante dimensão pública: a preocupação com a democratização do saber, evidentemente, identifica-se com a integração social (em sentido amplo) dos sujeitos e saberes historicamente dominados e excluídos.

__. *A paixão e a exceção:* Borges, Eva Peron, Montoneros. São Paulo; Belo Horizonte: Companhia das Letras: Editora da UFMG, 2005.

Schwarz, Roberto. *Ao vencedor as batatas:* Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**.** São Paulo: Editora 34, 2012a.

__. *Martinha* versus *Lucrécia.* São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.

__. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 2012c.

__. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo:* Machado de Assis. São Paulo: Editora 34, 2012d.